

Crítica // Um completo desconhecido ★★★★★

Cinebiografia mostra o despontar do talento de Bob Dylan em meio às turbulências da Guerra Fria

Ricardo Daehn

Com fictícios binóculos, Bob Dylan (Timothée Chalamet) diz ver a alma de Jesse Moffetteo (personagem inexistente na vida real), um músico de blues que rende divertido momento televisivo, encenado no longa *Um completo desconhecido* — o novo e premiado longa de James Mangold (de *Johnny & June* e de *Ford vs. Ferrari*). Estabelecendo conexões, num começo de carreira impulsionado por papas do folk do porte de Pete Seeger (Edward Norton, fabuloso, e indicado ao Oscar de coadjuvante) e Woody Guthrie (Scoot McNairy), Bob Dylan ganha intensidade com a presença (aquietada e algo blasé) do ator Chalamet. Até as atribuladas participações no Newport Folk Festival, em especial a de 1965, Dylan pavimentará as expressas ideias da letra de *The times they are A-changin'*. Tudo, na antessala de uma nova era da musicalidade country e folk.

As descobertas de Robert Zimmerman (nome de batismo do criador de Mr. Tambourine Man) — que chegam em ondas no roteiro adaptado (indicado ao Oscar) de Jay Cocks e Mangold — incluirão turnês, fama desmedida, moderada subversão e inovações musicais. Amigo por correspondências de Johnny Cash (Boyd Holbrook), esse, fã confesso do autor do

# COM TODO O GÁS PARA TRANSFORMAR O MUNDO

DIVULGAÇÃO/SEARCHLIGHT PICTURES



Um completo desconhecido

álbum *Freewheelin'*, Dylan não demora em deixar fluir a veia de “menestrel misterioso”, como é descrito, e também de conquistador, por vezes, involuntário, de pessoas como Sylvie (Elle Fanning) e a magnética Joan Baez (Monica Barbaro, em estado de graça), com quem compartilha duetos (*A hard rain's A-gonna fall* e *It ain't me baby*).

A análise da ganância que rondou a era dos anos 60 (com a crise dos mísseis cubanos) está estampada na performance de *Masters of war*. O valor artístico de Chalamet (vitorioso

na premiação do sindicato dos atores, SAG) e Barbaro, que lideraram as performances com vozes próprias, traz mérito absoluto. Na conjuntura explosiva dos conflitos bélicos da era, entre apresentações no icônico Gaslight, pesam a autenticidade do grupo de artistas que cantavam amor, justiça e paz, mas também respira-se o tom crítico de Dylan que aponta o demasiado “esforço presente nas composições de Baez”. Os desentendimentos não passam batido no filme indicado a oito prêmios Oscar.

Impulsionado pelas gravações da Columbia Records (que detinha ícones como Doris Day e Miles Davis no catálogo), no filme com excelente direção de James Mangold (indicado ao Oscar), o Dylan da tela deixa entrever sua suposta experiência advinda de apresentações em parques de diversão. Até sentirmos a nostalgia do entoar de *So long, it's been good to know yuh* (a obra de Woody Guthrie), muita coisa na tela foi condensada no exemplar roteiro que sabe se valer de um belo quesito que tem feito falta nos enredos: o da

admiração gritante e mútua entre artistas (nunca vistos como concorrentes).

Múltiplo — a ponto de querer ocasionalmente ser um estranho, transportado “para qualquer lugar” — Dylan abraça a diversidade, como explicita para o amigo Bobby Neuwirth (Will Harrison). Indicado a melhor filme no Oscar, o longa não deixa de incorporar as inovadoras músicas que promoveram caos e balizaram o reconhecimento, entre as quais as perigosas apostas de *Maggie's Farm*, *Like a rolling stone* e *It's all over now, Baby Blue*.